

A COMUNICAÇÃO COM O PACIENTE SURDO: UM DESAFIO PARA A ENFERMAGEM

Dayana Roberta da Conceição Ferreira¹

Manuelle de Araújo Holanda²

Francisca Márcia Pereira Linhares³

A privação auditiva se configura como um grave distúrbio neurológico sensorial que afeta a capacidade de comunicação oral e de aprendizagem. Ao comparar as pessoas com deficiência física, auditiva e visual, o deficiente auditivo é o que enfrenta maior dificuldade de inclusão na sociedade¹. Para assegurar a assistência a esta clientela a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva, por meio das Portarias GM/MS n.º 2.073/2004, n.º 587/2004 e n.º 589/2004, garanti ao deficiente auditivo um atendimento integral, conforme o princípio doutrinário do SUS de integralidade; ressaltando que o atendimento deve ser transdisciplinar e compatível com as necessidades individuais e coletivas dos deficientes auditivos, abrangendo ações de promoção, prevenção e reabilitação². Aos surdos não pode ser negado o direito de usufruir os benefícios de uma língua, assim os profissionais de saúde devem estar preparados para aceitar a diversidade humana e oferecer um adequado atendimento para os surdos no atendimento às suas necessidades³. A linguagem utilizada pelos surdos é por meio de palavras e mecanismos não verbais, conhecida como língua dos sinais (LIBRAS), a qual permite ao surdo interpretar e produzir palavras, frases e textos da língua escrita⁴. Contudo, mesmo aqueles portadores de deficiência auditiva, que utilizam a língua de sinais como meio de comunicação, encontram obstáculos no acesso aos serviços do setor de saúde, visto que a LIBRAS ainda não é compreendida pelos profissionais que atuam nestes serviços⁵. Esta barreira no processo da comunicação gera prejuízo para ambos os lados, pois há dificuldades em estabelecer um vínculo adequado, prejuízo na consulta, diagnóstico e proposta terapêutica. A comunicação é uma importante ferramenta para os profissionais de enfermagem durante o processo de coleta de dados, no estabelecimento dos diagnósticos de enfermagem, na implementação das prescrições e na avaliação dos resultados. Assim, quando a comunicação não é eficaz a relação terapêutica enfermeiro-paciente é descontinuada e os pacientes podem ficar privados de uma assistência holística. Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivos identificar as barreiras de comunicação entre profissionais de enfermagem e pacientes surdos e conhecer quais as principais estratégias de comunicação utilizadas pelos profissionais de enfermagem na comunicação com esses pacientes. O estudo foi descritivo exploratório de natureza quantitativa. A população do estudo foram todos os profissionais de enfermagem que trabalham no Hospital das Clínicas-HC/UFPE, Recife – PE. A coleta de dados foi realizada durante o período de julho a outubro de 2012. O tamanho amostral foi determinado considerando-se margem de erro de 5,0%, confiabilidade de 95,0% no universo de 679 profissionais da área de enfermagem (167 enfermeiros, 143 técnicos de enfermagem e 369 auxiliares de enfermagem), sendo o percentual estimado para cada item da pesquisa com valor igual a 50,0%, valor este que maximiza o tamanho amostral. A amostra considerada para o presente trabalho foi de 246 profissionais de enfermagem englobando enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Para a coleta de dados foi utilizado um instrumento tipo questionário contendo questões referentes à identificação, dados sócio demográficos e questões relacionadas às principais dificuldades encontradas pelos profissionais de enfermagem no atendimento ao paciente surdo e quais as estratégias de comunicação utilizadas no atendimento a estes pacientes. A análise dos dados foi conduzida pela utilização do programa SPSS versão 17 para digitação, armazenamento e análise estatística dos mesmos. Os dados obtidos foram submetidos à análise estatística descritiva. Dentre a população

estudada 66,7% dos profissionais de enfermagem referiram existir barreiras de comunicação com pacientes surdos. Um dos maiores obstáculos enfrentados pelos pacientes surdos é o de encontrar um serviço de saúde que tenha profissionais de saúde capacitados para estabelecer uma comunicação efetivas na busca de para atendê-los respeitando a sua deficiência. Entre as principais barreiras de comunicação existentes entre os profissionais de enfermagem e pacientes surdos foi referida a dificuldade na comunicação por gestos e a falta de conhecimento da LIBRAS. Os principais métodos utilizados para a comunicação com os pacientes surdos foram os gestos 31%, seguidos pelo uso da linguagem oral e dos gestos 10,4% e depois a combinação da linguagem oral, dos gestos e da escrita 8%. Apenas 2,9% afirmaram usar a libras para se comunicar e 4% utilizaram o acompanhante para se comunicar com o surdo. Uma forma de comunicação eficaz com esses pacientes seria a LIBRAS (linguagem Brasileira de sinais), porém quando perguntado aos entrevistados se possuíam algum conhecimento em LIBRAS, apenas 9,2% dos profissionais afirmaram possuir conhecimento nessa área e o conhecimento que essa pequena população apresentou foi adquirido por iniciativa própria de fazer um minicurso (23,8%) e através do convívio pessoal com pessoas que usam a LIBRAS (14,3%). Este estudo aponta barreiras na comunicação entre pacientes surdos e profissionais de enfermagem. Percebeu-se também que não é só o paciente surdo que encontra barreiras ao procurar o serviço de saúde, mas o profissional de enfermagem que o atende também. Quando não existe uma comunicação efetiva, não há como auxiliar o paciente a resolver seus problemas e minimizar conflitos. Dessa maneira, quando são hospitalizados, passam a conviver em ambiente diferente, com pessoas que não entendem sua forma de comunicação, pela carência que estes profissionais apresentam em relação a LIBRAS. Assim, precisa-se trabalhar e desenvolver estratégias que promovam a formação dos profissionais de enfermagem em LIBRAS, tendo em vista a efetiva comunicação entre enfermeiro e paciente surdo, pois o processo de comunicação deve ser priorizado como atividade de enfermagem relevante e essencial, a fim de prestar uma assistência integral ao paciente.

Referências:

1. Pagliuca LMF, Fiúza NLG, Rebouças CBA. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. Revista da escola de enfermagem da USP. 2007, 41(3): 411-8.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria n.o 2.073/GM, de 28 de setembro de 2004. Institui a Política Nacional de Atenção à Saúde Auditiva. Brasília; 2004. Extraído de [[http://dtr2001.saude.gov.br/sas/ PORTARIAS/ Port2004/ GM/GM-2073.htm](http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2004/GM/GM-2073.htm)], acesso em [21 de janeiro de 2013].
3. Chaveiro N, Barbosa MA. Assistência ao surdo na área de saúde como fator de inclusão social. Revista Escola Enfermagem USP. 2005; 39(4): 417-22.
4. Peixoto RC. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. Caderno Cedes. 2006 Maio-Ago; 26(69):205-229.
5. Chaveiro N, Barbosa M.A. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais de saúde. Revista Escola de Enfermagem da USP. 2008; 42(3): 578-83.

Descritores: comunicação; enfermagem; deficiência auditiva.

Área temática: Informação/Comunicação em Saúde e Enfermagem.



1. Discente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Email: dayana_roberta17@hotmail.com.
2. Discente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Email: manuelleholanda@hotmail.com.
3. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Email: marciapl27@gmail.com